

Moacyr Scliar e o cinema de Roman Polanski: uma análise da crônica “Mensagem de esperança”

*Moacyr Scliar and the cinema of Roman Polanski:
an analysis of the chronicle “Mensagem de Esperança”*

ISABELLE MONIQUE FREITAS DA SILVA

Discente do curso de Letras - Licenciatura em Português (UFU)

E-mail: isabellemonique2009@gmail.com

Resumo: Autor de dezenas de romances, crônicas e contos, Moacyr Scliar é considerado um dos mais importantes escritores contemporâneos brasileiros. Por crescer em um bairro conhecido por abrigar refugiados e ser o berço da comunidade judaica, o Bairro do Bom Fim, em Porto Alegre, ele teve contato diário com estrangeiros. Tal vivência deu ao escritor conhecimento de histórias da Europa, entre elas, as perseguições políticas e étnicas pelas quais passavam o grupo hebraico na Segunda Guerra Mundial. A partir dessas narrativas, Scliar elabora muitas de suas crônicas relacionadas ao judaísmo e às migrações. Scliar também é um bom conhecedor do cinema que trata de temas sobre o Nazismo e a Shoah. Assim, o objetivo deste artigo será analisar a crônica “Mensagem de esperança”, presente no livro *A nossa frágil condição humana*, publicado postumamente, em 2017. Neste texto, Scliar comenta sobre o filme do diretor Roman Polanski, “O pianista”, refletindo sobre questões culturais, ideológicas e históricas que envolvem a beleza da arte e a tragédia da guerra.

Palavras-chave: Moacyr Scliar; crônica; Roman Polanski; nazismo.

Abstract: Author of dozens of novels, chronicles and short stories, Moacyr Scliar is considered one of the most important contemporary Brazilian writers. Growing up in a neighborhood known for sheltering refugees and being the birthplace of the Jewish community, Bairro do Bom Fim, in Porto Alegre, he had daily contact with foreigners. Such experience gave the writer knowledge of European histories, among them, the political and ethnic persecutions by which the Hebrew group passed in the Second World War. From these narratives, Scliar elaborates many of his chronicles related to Judaism and migrations. Scliar is also a good connoisseur of cinema dealing with themes of Nazism and the Shoah. Therefore, the objective of this article will be to analyze the chronicle “Mensagem de esperança”, current in the book *A nossa frágil condição humana*, published posthumously, in 2017. In this text, Scliar comments on the film by director Roman Polanski, “The pianist”, reflecting on cultural, ideological and historical issues involving the beauty of art and the tragedy of war.

Keywords: Moacyr Scliar; chronicles; Roman Polanski; nazism.

Moacyr Scliar nasceu no ano de 1937, em uma família judaica, no Rio Grande do Sul. Seus pais fugiram da Bessarábia e refugiaram-se no Brasil, a fim de escapar dos *pogroms*, termo que designa as perseguições violentas contra o grupo hebraico, principalmente na Rússia, durante a Primeira Guerra Mundial. Scliar começa a escrever

muito cedo, narrando histórias de sua infância vivenciada no Bairro do Bom Fim, em Porto Alegre.

Embora Scliar não seja um imigrante no sentido estrito, uma vez que nasceu no Brasil, ele cresceu em um distrito conhecido por abrigar refugiados e ser o berço da comunidade judaica. O contato diário com estrangeiros proporcionou ao escritor um profundo conhecimento de histórias da Europa, incluindo as perseguições políticas e étnicas que o grupo hebraico enfrentava. É a partir dessas histórias que Scliar aborda temas relacionados ao judaísmo e às migrações em suas obras.

Moacyr Scliar foi escritor, professor universitário e médico, sendo reconhecido como um dos mais importantes autores contemporâneos brasileiros. Sua trajetória é marcada por diversos eventos notáveis, incluindo sua eleição como membro da Academia Brasileira de Letras em 2003, além de ter conquistado quatro prêmios Jabutis e o prêmio Casa de Las Américas. Com dezenas de romances, crônicas e contos em seu repertório cativou tanto os leitores mais sofisticados quanto os críticos literários mais exigentes. Entre suas obras mais famosas, destacam-se *O Centauro no Jardim*, *O Exército de um homem só*, *O Ciclo das Águas*, *A mulher que escreveu a Bíblia*, entre outras.

Um traço distinto em suas obras, mencionado por Waldman (2003) em seu livro *Entre passos e rastros*, é a exploração da dupla identidade de Scliar, que abraça tanto suas raízes judaicas russas quanto sua identidade brasileira. Além disso, Waldman (2003) observa que Scliar é um dos raros escritores a abordar o fenômeno da imigração judaica no Brasil, com um foco particular no estado do Rio Grande do Sul. Outro aspecto notável em suas obras é o humor característico de Scliar, caracterizado por paródias e ironias, como destacado por Szklo (1990). A autora relata que esse humor surge em “decorrência do conceito de estrangeiro ou de uma posição equivalente do homem, de inadaptação ao meio” (SZKLO, 1990, p. 60), já que as personagens em situação de conflito lançam mão da comicidade como “forma de escapar ao sentimento de insegurança” (SZKLO, 1990, p. 60).

Diante desse contexto e das inúmeras narrativas de Scliar que abordam questões judaicas, o cotidiano, o humor, a migração e as consequências da guerra, optamos por focar com maior profundidade nas crônicas deste autor. Scliar iniciou sua carreira neste gênero aos 37 anos de idade, escrevendo seus textos no jornal *Zero Hora* de Porto Alegre e posteriormente na *Folha de São Paulo*. Suas crônicas eram publicadas às segundas-feiras no *Caderno Cotidiano* de 1990, a partir de 1990, e continuaram sendo publicadas até o ano de sua morte, em 2011.

Após o falecimento de Scliar, as editoras reuniram em doze livros seus melhores textos escritos ao longo de seus 30 anos de atuação como cronista. Dentre as obras mais conhecidas, destacam-se *Histórias que os jornais não contam*, *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*, *O olhar médico*, *Contos e crônicas para ler na escola* e *A nossa frágil condição humana*. Este último livro é particularmente relevante para o escopo deste estudo.

Para Scliar, a crônica é um gênero que merece espaço nos jornais, pois ela representa um alívio em meio às notícias trágicas. Segundo o autor, a crônica é “um gênero literário eminentemente brasileiro, que nas mãos de grandes cronistas, deu origem a verdadeiras obras-primas. A crônica, com seu caráter pessoal, humaniza o veículo, alegra e comove o leitor” (SCLIAR, 2017, p. 5).

De acordo com as reflexões de Melo (2016), a crônica se destaca pela sua despreensão e pela sua capacidade de oferecer uma abordagem livre e flexível à escrita. Nesse gênero, conforme a autora,

[...] temos nela uma escrita mais maleável, uma possibilidade de fazer arte com matéria que brota da própria vida, seja ela a do próprio autor, seja a vida de qualquer homem. O cronista enxerga potencial gerador de histórias no simples milagre de respirar; talvez essa seja a razão dela ter atraído tantos dos grandes da nossa Literatura Brasileira (MELO, 2016, p. 20).

O crítico literário Antonio Candido (2003) aponta que a crônica é uma retratação de seu tempo, pois nos conta por meio de uma linguagem clara e acessível um momento histórico vivido. Já para o escritor Eduardo Portella (1985), a crônica, com seu compasso, ritmo e poesia seria “o próprio fazer literário”. A crônica invadiu ou foi invadida pela poesia, “se instalou no coloquial modernista, multiplicando a sua força expressiva, que, mais do que tudo, desenhou o seu próprio perfil autônomo, é, em face mesmo daquela ambiguidade congênita, uma manifestação superlativa de literatura” (PORTELLA, 1985, p. 15).

Para o escritor e crítico literário Davi Arrigucci Junior (1987), a crônica se consolidou como um dos gêneros literários brasileiros mais importantes devido à “elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, é uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história” (ARRIGUCCI JUNIOR, 1987, p. 53).

Por se tratar de um gênero híbrido entre informação e literatura, a crônica contribui, de maneira lírica, para reflexões filosóficas, visto que pode ser elaborada em primeira pessoa e se assemelhar a um diálogo com o leitor. Todas essas características estão presentes na coletânea *A nossa frágil condição humana*, de Moacyr Scliar, publicada em 2017 pela Companhia das Letras.

A coletânea apresenta 68 crônicas, cuja temática transita nos mais variados assuntos da cultura e da história judaica. Por meio do humor e da ironia, o autor relata conflitos políticos de Israel, faz reflexões sobre o Holocausto, sobre a Inquisição, sobre literatura judaica, sobre cinema e sobre o próprio fazer literário.

Assim como propõe Pereira (2018), podemos dividir essas crônicas em “três grupos”:

O primeiro deles seria a literatura hebraica, na qual Scliar nos apresenta textos poéticos que mencionam de Kafka à Bíblia, como, por exemplo, as crônicas intituladas “O Judaísmo em Kafka” e “Do Éden ao divã: o humor judaico”. Já no segundo grupo, Scliar destaca a questão do antissemitismo, com textos polêmicos que fazem alusão ora ao Führer, como na crônica “A nostalgia de Hitler”, ora ao Santo Ofício, como se pode ver em “A inquisição revisitada”. O terceiro grupo, por sua vez, traz para o

centro do debate temas mais políticos, que envolvem desde a Segunda Guerra Mundial, passando pelo Holocausto, até as relações conturbadas entre Israel e os países árabes, como se pode ler em “Oriente Médio: linhas e entrelinhas” e “Israel, sessenta anos” (PEREIRA, 2018, p. 01).

Embora trate diferentes assuntos, o que mais nos chamou a atenção nesta coletânea foram as crônicas em que Moacyr escreve sobre o cinema e narrativas cinematográficas, cujos enredos estão relacionados aos temas judaicos. Em todo o livro há sete crônicas que citam e refletem sobre alguns longas-metragens, assistidos pelo autor em salas de cinema brasileiras: *Holocausto e literatura*, *O aprendizado de Lenny Kravitz*, *Mercador de Veneza*, *Controvérsia viva*, *Em busca da tolerância*, *Valsa triste e Mensagem de Esperança*. Aliás, esta última é a que nos interessa analisar com mais propriedade neste trabalho.

Em *Holocausto e literatura*, o autor expõe o tema da *Shoah*, comentando que ele é amplamente difundido em livros e narrativas cinematográficas. O cronista cita alguns livros e filmes que retratam um dos piores momentos da história do século XX; entre as películas que ele aponta estão aquelas mais conhecidas do grande público como *A vida é bela*, de Roberto Benigni, *A lista de Schindler*, de Steven Spielberg e o documentário *Shoah (O Holocausto)*, de Claude Lanzmann. Scliar, após uma longa discussão acerca do tema, conclui que o Holocausto precisa ser denunciado para que, assim, os erros do passado não se repitam, como é possível notar no seguinte excerto: “O Holocausto foi isso: uma enorme, uma avassaladora lição para a humanidade. Uma lição que justifica todos os livros, todas as formas de testemunho. Se não aprendermos com os erros, e os crimes, do passado, estaremos condenados a repeti-los” (SCLIAR, 2017, p. 172).

O aprendizado de Lenny Kravitz é uma crônica sobre *O grande vigarista*, de Ted Kotcheff, adaptação cinematográfica do livro de Mordecai Richler. O filme conta a história de um “descendente de imigrantes vivendo numa sociedade competitiva, o audaz e ambicioso Duddy Kravitz está em busca de seu lugar ao sol, e fará qualquer coisa para consegui-lo” (SCLIAR, 2017, p. 175). Após essa introdução, o cronista irá comparar a vida do protagonista da película com a vida de Lenny Kravitz, o cantor é filho de um judeu americano e uma caribenha negra. Moacyr Scliar relata que acha essa miscigenação peculiar, pois representa dois grupos sociais marcados pela perseguição e sofrimento ao longo da história.

A próxima crônica na qual cita e comenta sobre cinema é *O Mercador de Veneza*, cujo título é o mesmo do filme dirigido por Michael Radford e baseado na peça teatral de Shakespeare. Nessa crônica, ele discorre sobre a possível natureza antissemita da peça, explicando toda a jornada do protagonista e chegando à conclusão de que *O mercador de Veneza* pode ser dividida em duas partes: a primeira que apresenta Shylock, o protagonista, “como um atormentado ser humano, e que é essencialmente shakespeariana, e o final, uma concessão ao aristocrático público que então frequentava o teatro, e de quem o dramaturgo dependia para viver: dinheiro é importante. Mas há coisas mais importantes” (SCLIAR, 2017, p. 179).

Em *Controvérsia viva*, Moacyr Scliar aborda três filmes com um tema em comum: os conflitos no Oriente Médio. A primeira película citada é *Munique*, dirigido por Steven Spielberg, que narra a história do sequestro e assassinato de jogadores judeus quando terroristas invadiram o alojamento de atletas olímpicos. A partir desse evento, o filme retrata a missão secreta financiada pelo governo israelense para perseguir esses criminosos ao redor do mundo. O segundo filme comentado por Scliar é *Free Zone*, de Amos Gitai. Nessa narrativa cinematográfica, três mulheres – uma norte-americana, uma israelense e uma palestina – se encontram na “Zona livre”, um local na Jordânia. Conforme observa o cronista, o diálogo entre as três mulheres revela aspectos do clima emocional do Oriente Médio. Por fim, o último filme citado por Scliar é *Paradise Now*, dirigido por Hany Abu-Assad. O filme acompanha os dois últimos dias de dois palestinos recrutados para serem homens-bomba em Tel Aviv. Com isso, o autor conclui sua crônica destacando que é possível aprender tanto com o cinema quanto com na vida real.

Na crônica intitulada *Em busca da tolerância*, o autor comenta sobre a narrativa cinematográfica *Um herói do nosso tempo*, do diretor Radu Mihaileanu. Scliar elogia o filme por retratar os esforços de judeus da Etiópia em sua jornada para chegar a Israel, fugindo da pobreza e da fome. Esses judeus negros e africanos são conhecidos como “falashas” e para o autor da crônica “a simples alusão à insólita existência dos falashas já justifica a obra. Salomão saltaria da cama para aplaudir de pé. E a rainha de Sabá, então, nem se fala” (SCLiar, 2017, p. 187).

Em *Valsa triste*, o autor discute o filme *Valsa com Bashir*, do diretor Ari Folman, um documentário sobre a guerra no Líbano. Scliar comenta o fato de que esse filme é israelense, com personagens israelenses e financiamento proveniente de Israel. Ele destaca o aspecto impressionante de judeus narrando a guerra em um país vizinho. O autor conclui sua crônica mencionando que em 19 de abril de 2009 completaram-se cem anos do levante do Gueto de Varsóvia, sendo o Holocausto uma das bases fundadoras do Estado de Israel. Ele observa que filmes como *Valsa com Bashir*, apesar da dura lição que representam, simbolizam esperança para o povo israelense, pois a democracia permite o debate sobre os erros do passado e suas correções.

Já a crônica proposta para análise neste estudo, intitulada *Mensagem de esperança*, Scliar comenta sobre o filme *O pianista*, dirigido por Roman Polanski. Lançado em 2002, esta obra cinematográfica alcançou um enorme sucesso, lotando salas de cinema em todo o mundo. O filme conquistou três Oscars, seis Césares, dois Baftas e a Palma de Ouro. Na narrativa fílmica, acompanhamos a personagem principal, Szpilman, enquanto ele enfrenta os horrores vividos pelo povo judeu durante a Segunda Guerra Mundial, especificamente em Varsóvia, quando a Alemanha Nazista invadiu a Polônia.

O protagonista é um pianista, e de uma hora para outra, juntamente com sua família e outros judeus, é forçado a viver em guetos. É nesse contexto que o filme começa narrando a luta pela sobrevivência do músico Wladyslaw em meio aos terríveis crimes de guerra cometidos pelos nazistas. Scliar levanta várias questões ao longo de sua crônica, como o papel da música em tempos de guerra e como é possível sobreviver da arte em meio aos escombros do genocídio.

O pianista foi adaptado do livro homônimo lançado por Wladyslaw Szpilman em 1946, primeiramente na Polônia. Curiosamente, essa obra não obteve o

reconhecimento devido até a década de 1990, apenas alcançando sucesso em 2002, quando foi adaptada para o cinema. Por tratar-se de um relato pessoal sobre a Segunda Guerra Mundial, podemos considerar este livro como uma literatura de testemunho, uma forma de memória e registro dos horrores vividos durante a guerra. Com o sucesso do filme e a reedição do livro, agora possui um prefácio escrito pelo filho de Szpilman, proporcionando uma perspectiva de um descendente direto de um sobrevivente do Holocausto:

Até bem pouco tempo, meu pai evitava as conversas ligadas às suas provações durante a guerra; no entanto, elas me acompanharam desde a infância. Através deste livro, que encontrei na biblioteca da nossa casa quando eu tinha 12 anos, descobri por que não tenho avós paternos e porque este fato nunca era mencionado em nossa casa. Foi este diário que me ajudou a desvendar a história desconhecida da minha família... E continuamos sem comentar este assunto (SZPILMAN, 2003 *apud* ANDRADE, 2017, p. 5).

Podemos afirmar que a literatura de testemunho tem como principal objetivo relatar os horrores vividos durante a Segunda Guerra Mundial. Um critério para identificar a presença da literatura de testemunho em uma obra é que o texto tenha como tema central, geralmente, a Shoah (Holocausto). É correto dizer que *O pianista* se enquadra nessa área da literatura, uma vez que a história e a narrativa do filme e do livro estão profundamente relacionadas aos eventos e às experiências durante o Holocausto.

No livro de Szpilman tem-se exatamente esse tema: a Shoah do ponto de vista de um sobrevivente. Com seus relatos é possível ter noção de como a História foi acontecendo, desde o início da guerra, quando as pessoas tinham esperança de que tudo acabasse logo e, quem sabe, até mesmo sem muitas mortes, até o fim, quando os judeus estavam sendo exterminados sistemática e aleatoriamente, e a esperança de qualquer nexos e sentido já parecia perdida (ANDRADE, 2017, p. 06).

O filme é dirigido por Roman Polanski - diretor, produtor e roteirista-, que tem uma história de vida marcada pelos horrores da Segunda Guerra Mundial e pelo Holocausto. Ele, de origem judaica, enfrentou o caos da guerra quando seus pais decidiram se mudar da França para a Polônia, buscando fugir dos nazistas. No entanto, a Polônia também foi invadida, forçando Polanski e sua família a viverem em um dos guetos da cidade de Cracóvia. Ainda criança, ele testemunhou sua família sendo levada para campos de concentração, mas conseguiu sobreviver porque seu pai o colocou sob os cuidados de uma família católica na zona rural.

Ao longo de sua vida como diretor de cinema produziu inúmeros filmes, entre eles podemos citar *Oliver Twist* (2005), *Chinatown* (1974), *A dança dos vampiros* (1967) e o

mais popular, o *Bebê de Rosemary* (1968). Para Ribeiro (2015), é possível analisar sua obra tanto a partir da perspectiva comercial, com filmes narrativos clássicos de Hollywood, quanto a partir de sua base no cinema de arte europeu.

A premiada película *O Pianista* foi lançada em 2002 e rendeu ao diretor Roman Polanski o Oscar de Melhor Direção. Em uma entrevista coletiva no Festival de Cinema do Rio BR em 2002, o diretor revelou que o filme evoca memórias de sua infância e das experiências vividas no Gueto de Cracóvia. No entanto, ele enfatizou que não tinha a intenção de criar um filme autobiográfico.

Na primeira cena do filme, são apresentadas imagens de Varsóvia em 1939. As imagens em preto e branco retratam uma época de paz idílica, onde as coisas ocorriam de forma harmoniosa, lembrando um documentário antigo que permite ao espectador vivenciar o cotidiano do povo polonês antes da guerra.

No momento em que as cores retornam ao filme, o diretor nos apresenta em primeiro plano o protagonista Szpilman tocando piano em um estúdio de rádio. É nesse momento que os bombardeios começam em Varsóvia. O músico, apesar de ouvir as bombas, ver os vidros quebrados e testemunhar uma grande explosão, se recusa a interromper sua música, parando apenas quando as explosões atingem o interior do estúdio de rádio. De acordo com as observações de Ribeiro (2015), o músico não interrompe a música, mesmo diante do desespero, porque para ele a arte é algo inabalável.

Para o músico, interromper sua execução é inadmissível. Ele se recusa a parar mesmo quando os funcionários do estúdio anunciam, por gestos, que deve parar e saem do local. Para Szpilman, a arte é intocável – ele fica contrariado quando tem que interromper suas execuções (RIBEIRO, 2015, p. 54).

Polanski utiliza uma técnica visual impactante na primeira cena do filme, começando com uma coloração amarelada que indica a tranquilidade em que o protagonista tocava seu piano. Contudo, conforme as explosões causadas pelos bombardeios começam a ocorrer, a coloração gradualmente muda para cinza, representando o caos que os cidadãos estavam vivenciando.

Além disso, uma cena importante que merece destaque é quando o protagonista e sua família são obrigados a se mudarem para os guetos. Os guetos eram áreas nas quais os judeus eram forçados a viver segregados da população geral pela Alemanha Nazista, sendo o maior deles localizado em Varsóvia. Estima-se que mais de 400 mil judeus “viviam” nessas condições insalubres. Devido à aglomeração e à falta de saneamento básico, muitos judeus morriam de fome, doenças e frio. Wladyslaw assim como todos os judeus da cidade foram informados sobre o novo bairro judeu por meio do jornal e foram forçados a se mudar até 31 de outubro de 1940.

A escolha de Roman Polanski de utilizar a coloração cinza para representar o bairro no qual os personagens são forçados a viver é uma técnica visual eficaz. Por meio de um plano sequência, o diretor mostra a sujeira e as condições precárias a que essas pessoas estão submetidas, com lama e ausência de luz solar. Essa paleta de cores

acinzentadas cria uma sensação de desconforto, que, combinada com a trilha sonora de Frederic Chopin, especificamente a *Valsa minuto*, envolve os espectadores em uma atmosfera de tensão, sinalizando que os meses seguintes na vida dessas vítimas do nazismo seriam extremamente difíceis.

Dentro do gueto, o diretor apresenta os horrores causados pela situação precária, incluindo a fome extrema que leva ao roubo de comida, a humilhação diante dos oficiais nazistas que patrulham o local, a violência arbitrária dos oficiais alemães e a insanidade de alguns personagens, que, de acordo com as observações de Ribeiro (2015), recorrem a atos extremos como uma forma de sobreviver.

A loucura passa, então, a ser uma forma de se tornar visível e, mais ainda, de sobreviver – dois personagens judeus de ‘O Pianista’ (2002) chamam atenção nesse sentido: uma senhora que procura o esposo em meio ao caos cinzento do gueto e que se destaca da massa cinzenta de personagens pelas cores fortes de seu cabelo e de sua roupa e um senhor que arrasta um séquito de crianças ao se comportar como uma (conseguindo, inclusive, a ‘bondade’ impossível de um soldado alemão que lhe dá um cigarro, rindo de suas piruetas). Nos dois casos, os personagens conseguem visibilidade e sobrevivência em meio à desgraça através da loucura, representada num caso pelas cores vibrantes e, noutro, pelo comportamento anormal. (RIBEIRO, 2015, p. 49).

A partir do momento em que os judeus são forçados a viver nos guetos, é exigido que eles trabalhem dentro dessas áreas, já que os nazistas proibiram que os “arianos” empregassem ou ajudassem os judeus. Como resultado, Szpilman começa a tocar piano em um bar localizado dentro do gueto. Apenas aqueles que ainda tinham algum dinheiro frequentavam esse estabelecimento, ou porque eram muito ricos antes da guerra ou porque trabalhavam com a Gestapo, punindo e até mesmo matando seu próprio povo.

Em 16 de agosto de 1942, Szpilman é salvo por um colega judeu que trabalhava como ajudante da polícia nazista, evitando que ele fosse enviado para um campo de concentração. Ele é o único de sua família a escapar desse destino. Os judeus que não foram enviados para os campos de concentração são obrigados a trabalhar forçadamente para os alemães dentro do gueto. O protagonista, ao ver que o sofrimento não tem fim, procura refúgio e é mantido escondido por uma conhecida cantora e seu marido. O esconderijo fica localizado ao lado do gueto de Varsóvia. Por estar seguro até aquele momento e testemunhar o sofrimento contínuo de seus companheiros no gueto, Szpilman expressa seu conflito interno, muitas vezes não sabendo de que lado do muro ele está. Isso é agravado pelo fato de ele ter conhecimento do levante que ocorreria em 16 de abril de 1943 e não conseguir ajudar seus colegas.

Quando seu esconderijo é descoberto por vizinhos, Wladyslaw Szpilman vai até um contato de emergência e encontra Dorota, que, no início do filme, parecia ser um possível interesse amoroso do personagem. No entanto, devido à guerra, essa paixão

não se concretiza. Dorota e seu atual marido ajudam o protagonista a encontrar um novo esconderijo na zona alemã de Varsóvia. No entanto, para permanecer escondido, Szpilman não pode fazer nenhum barulho. Ironicamente, há um belo piano neste apartamento. Angustiado, Szpilman começa a tocar em sua mente, sendo este um hábito para aliviar o estresse e relembrar sua paixão pela música.

No final da Segunda Guerra Mundial, escondido nos escombros causados pelas batalhas, Szpilman encontra um oficial da Gestapo que, ao descobrir que ele é Wladyslaw, fica impressionado com suas habilidades musicais. Assim, a música o salva. O oficial da Gestapo tenta ajudar Szpilman até o fim da guerra, enviando comida e agasalhos para garantir que o judeu não morresse. Essa ajuda inesperada é a possível “mensagem de esperança” a que Scliar se refere em sua crônica.

Mesmo durante os momentos mais sombrios da guerra, a arte de Szpilman o manteve vivo, desde quando ele precisava ganhar dinheiro no gueto até o encontro com um inimigo, a arte foi o seu grito de liberdade. O oficial nazista ficou extasiado com as notas perfeitas que Szpilman tirou do piano com suas mãos mágicas. Esse é, sem dúvida, um dos momentos mais emocionantes da narrativa. Por um instante, o piano venceu o fuzil, a música venceu a guerra. O filme é cheio de esperança e poesia.

Por fim, podemos concluir que o cinema e a crônica são extremamente relevantes nos dias de hoje, e a arte pode representar um gesto de resistência em meio ao caos. Gostaríamos de finalizar este artigo com a frase que Scliar remata sua crônica:

No meio da barbárie generalizada, dois homens conseguem se entender e estabelecer um laço afetivo através da música. O que, neste mundo de violência e ameaçado pela guerra, representa uma esperança. A esperança que prevaleça, afinal, aquilo que nós, humanos, temos de melhor (SCLiar, 2017, p. 174).

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JUNIOR, D. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. 240 p.

ANDRADE, R. de Ms. “O pianista”, de Wladyslaw Szpilman, e a literatura de testemunho. **Arquivo Maaravi**: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, Belo Horizonte, v. 11, n. 21, p. 186-197, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/1982-3053.11.21.186-197>.

BAZIN, A. **O cinema**: ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BURCH, N. **Práxis do cinema**. São Paulo: Perspectiva. 1992.

CANDIDO, A. A vida ao rés do chão. In: VÁRIOS AUTORES. **Para gostar de ler**: crônicas. São Paulo: Ática, 2003. p. 89-99. v. 5.

MELO, M. C. de S. **A crônica vai à guerra**: Rubem Braga e os escritos do front. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/11903>

O PIANISTA. Direção de Roman Polanski. Roteiro: Ronald Harwood. Música: Wojciech Kilar. França, Alemanha, Polônia, Reino Unido: Focus Features, 2002. (150 min.), son., color.

PEREIRA, K. M. de A. Moacyr Scliar vê o Santo Ofício: reflexões sobre a crônica “A inquisição”. In: ENCONTRO ABRALIC: CIRCULAÇÃO, TRAMAS E SENTIDOS NA LITERATURA, 16., 2018, Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: UFU, 2018. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547747106.pdf.

PEREIRA, K. M. de A. Nos Calcanhares de Esaú: algumas considerações sobre “O Diário de um Comedor de Lentilhas”, de Moacyr Scliar. **Cadernos de Língua e literatura hebraicas**, São Paulo, n. 15, p. 49-61, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-8051.cllh.2017.142460>.

SÁ, J. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

PORTELLA, E. **Teoria da comunicação literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

RIBEIRO, D. D. **Os sujeitos e o mundo**: notas sobre a encenação no cinema de Roman Polanski. 2015. 76 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18082>.

SCLIAR, Moacyr. **A nossa frágil condição humana**: crônicas judaicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCLIAR, Moacyr. **A crônica hoje**. Disponível em: <http://www.moacyrscliar.com/textos/a-cronica-hoje/>.

SZKLO, G. S. **O bom fim do shtetl**: Moacyr Scliar. São Paulo: Perspectiva, 1990. (Debates; v. 231).

WALDMAN, B. **Entre passos e rastros**. São Paulo: Perspectiva, 2003.